



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – INGLÊS**

CAROL EVELYN DE ARAÚJO RUFINO

**A ESCRITA DE SI EM *EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA NA GAIOLA*: UMA
ANÁLISE SOCIOCULTURAL E AS INFLUÊNCIAS NA SUBJETIVIDADE DE
MAYA ANGELOU.**

**CAMPINA GRANDE
2020**

CAROL EVELYN DE ARAÚJO RUFINO

**A ESCRITA DE SI EM *EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA NA GAIOLA*: UMA
ANÁLISE SOCIOCULTURAL E AS INFLUÊNCIAS NA SUBJETIVIDADE DE
MAYA ANGELOU.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Letras e
Artes da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para a obtenção
do título de licenciada em Letras - Inglês.

Área de concentração: Literatura Afro-
americana.

Orientador: Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha.

**CAMPINA GRANDE
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R926e Rufino, Carol Evelyn de Araujo.

A escrita de si em *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* [manuscrito] : uma análise sociocultural e as influências na subjetividade de Maya Angelou / Carol Evelyn de Araujo Rufino. - 2020.

27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.

"Orientação : Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha, Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."

1. Literatura afro-americana. 2. Racismo. 3. Aspectos socioculturais. 4. Subjetividade. 5. Narrativa. I. Título

21. ed. CDD 801.95

CAROL EVELYN DE ARAÚJO RUFINO

A ESCRITA DE SI EM *EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA NA GAIOLA*: UMA ANÁLISE SOCIOCULTURAL E AS INFLUÊNCIAS NA SUBJETIVIDADE DE MAYA ANGELOU.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de licenciada em Letras - Inglês.

Área de concentração: Literatura Afro-americana.

Aprovada em: 27 / 11 / 2020 .

BANCA EXAMINADORA



Nota: 10,0

Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Nota: 10,0

Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Nota: 10,0

Prof. Me. Valécio Irineu Barros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Majestosa Mestra Eliodara,
DEDICO.

“Ficar sozinha na corda bamba do desconhecimento da juventude é vivenciar a beleza excruciante da liberdade total e a ameaça de eterna indecisão” (ANGELOU, 2018, p. 229).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	AS CONCEPÇÕES DE <i>SUJEITO</i> A PARTIR DA ESCRITA DE SI.....	8
3	AS INFLUÊNCIAS DOS ASPECTOS SOCIOCULTURAIS.....	12
4	O RACISMO ENRAIZADO E O PADRÃO <i>BRANCO</i>	16
4.1	Reflexões acerca do relato de violência sexual.....	19
5	O RETORNO À <i>SUBJETIVIDADE</i> A PARTIR DA IDENTIDADE NEGRA.....	21
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	REFERÊNCIAS	25

A ESCRITA DE SI EM *EU SEI POR QUE O PÁSSARO CANTA NA GAIOLA*: UMA ANÁLISE SOCIOCULTURAL E AS INFLUÊNCIAS NA SUBJETIVIDADE DE MAYA ANGELOU.

THE SELF-WRITING IN *I KNOW WHY THE CAGED BIRD SINGS*: A SOCIOCULTURAL ANALYSIS AND THE INFLUENCES IN MAYA ANGELOU'S SUBJECTIVITY.

RESUMO

Escrever sobre si compõe um processo de autoconhecimento a partir de sentimentos e vivências internalizados em contextos sociais e comportamentais. Através do gênero autobiográfico, é possibilitada ao autor a construção do *sujeito* personificado, considerando as subjetividades no processo da narrativa. Teixeira (2003) sugere que a narrativa de si é uma expressão subjetiva e de afirmação para si e para outros. Partindo desse pressuposto, este trabalho tem como objetivo estudar e analisar os aspectos socioculturais e pessoais presentes na obra *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, da autora Maya Angelou, discutindo e refletindo de que modo esses fatores permitiram a construção do *sujeito* na narrativa, que consequentemente refletem a subjetividade da escritora. Para tanto, serão utilizadas bases teóricas sobre as concepções sobre *escrita de si* e narrativa autobiográfica a partir de Foucault (2004a), Teixeira (2003), Dalcastagné (2005) e Arfuch (2010), bem como as relações entre racismo, memória e construção do *sujeito* Negro com Davis (2016), Fuão (2001), Kilomba (2019) e Munanga (1990, 2012).

Palavras-chave: Literatura Afro-americana. Racismo. Sujeito Negro. Escrita de si.

ABSTRACT

Self-writing consists of a self-knowledge process from experiences and feelings internalized in social contexts and behaviors. Through the autobiographic gender, it is possible to the author the construction of the personified subject, considering subjectivities in the narrative process. Teixeira (2003) suggests that self-narratives are a statement and subjective expression to yourself and others. Based on this assumption, this work has as objective to study and analyze the sociocultural and personal aspects in the book *I know why the caged bird sings* from Maya Angelou, discussing and reflecting how these factors allowed the construction of the subject in the narrative, which consequently reflects the writer's subjectivity. For this purpose, theoretical bases will be used on the conceptions about self-writing and autobiographical narrative by Foucault (2004a), Teixeira (2003), Dalcastagné (2005) and Arfuch (2010), as well as the relationships between racism, memory and the construction of the *Negro subject* with Davis (2016), Fuão (2001), Kilomba (2019) and Munanga (1990, 2012).

Keywords: African-American Literature. Racism. Black Subject. Self-Writing.

1 INTRODUÇÃO

O processo de *escrita de si* através da autobiografia permite ao autor não somente conhecer suas particularidades, mas também compreender o contexto social em que está inserido. Ao expressar suas experiências particulares e afins na perspectiva ficcional de narrador, é sugerida ao leitor a internalização de influências que, atuando como *subjetividade* na narrativa, possibilita a construção do *sujeito* do personagem.

Maya Angelou (1928-2014), pseudônimo de Marguerite Ann Johnson, foi uma escritora norte-americana reconhecida mundialmente pelas suas obras relacionadas à vivência Afro-americana e pela luta em prol dos direitos civis. Sua primeira autobiografia intitulada *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* (*I Know Why the Caged Bird Sings*), escrita em 1969, narra a infância da protagonista, ambientada no início do século XX a partir da herança colonial e nas experiências pessoais de uma garota Negra cercada pelo preconceito de uma sociedade *branca*, forte papel da família, da Igreja, de sua relação com a Comunidade Negra, assim como a experiência traumática de um abuso sexual ainda em sua infância e pela gravidez na adolescência.

Embora a segregação racial estivesse presente durante toda a infância da narradora entre o contexto sulista norte-americano e a moderna Califórnia nos anos 1940, observam-se contrastes e experiências íntimas para além da historicidade. Desse modo, tornou-se necessário o estudo dos fatores socioculturais e particulares que permitiram a construção do *sujeito* de Marguerite na narrativa.

O norteamento deste trabalho se dá pela identificação e análise das influências histórico-culturais, familiares e de violência sexuais vivenciados pela personagem na obra, discutindo e refletindo de que modo ela respondeu a tais fatores, possibilitando a representação da subjetividade da autora Maya Angelou.

Para alcançar nosso propósito, a presente pesquisa consistirá de base bibliográfica, realizando a leitura da obra *Eu Sei Por Que o Pássaro Canta na Gaiola* (2018), com análise interpretativa na sequência. O trabalho será dividido em quatro seções: primeiramente, apresentaremos as concepções sobre *escrita de si* e gênero autobiográfico, contextualizando com a obra estudada; na segunda seção, pontuaremos os aspectos socioculturais; e na terceira seção, analisaremos a influência da herança colonial e o padrão de *branquitude* à luz de teóricos sobre estudos raciais; e na quarta seção, a construção do *sujeito* a partir do reconhecimento e da identidade Negra.

A base teórica utilizada reuniu os estudos sobre *escrita de si* a partir de Foucault (2004a); sobre gênero e narrativa autobiográficos de Teixeira (2003), Dalcastagné (2005) e Arfuch (2010); nas concepções sobre herança colonial de Fuão (2001); no racismo cotidiano, memória e construção do *sujeito* Negro de Kilomba (2019) e nas políticas raciais e concepções de Negritude de Munanga (1990, 2012).

A seguir, discorreremos acerca das principais concepções de sujeito a partir da *escrita de si* e narrativa autobiográfica, emergindo na obra foco deste estudo.

2 AS CONCEPÇÕES DE SUJEITO A PARTIR DA ESCRITA DE SI.

Uma vez que os principais estudos acerca da *narrativa de si* são notoriamente apresentados por Foucault em sua obra sobre *Escrita de Si* de fevereiro de 1983, o autor retrata concepções sobre essa prática a partir de registros da Antiguidade, percorrendo o processo do cuidado de si e do conhecimento da escrita pessoal.

Por muito tempo, o ato de escrever sobre si permaneceu como prática corriqueira, tanto para observar e policiar os seus atos como para apresentar e detalhar sentimentos íntimos que, até então, ficaram guardados dentro do imaginário do autor. Segundo Foucault (2004a), as formas de escrever na Antiguidade consistiam em *hypomnemata*: registros de contabilidade, agendas e guias de conduta; e *correspondências* que, como o próprio nome propõe, compunham cadernos de notas e cartas enviadas para outrem, que transmitiam diretamente o objetivo do que se escrevia para o destinatário e este poderia reler a qualquer momento.

As formas de escrita citadas eram precedidas de um ‘adestramento’: o exercício pessoal consistia na meditação, na escrita e no treinamento. A primeira, em especial, permitia o escritor refletir sobre suas prévias vivências, tomando por base seus valores e princípios, refletindo sobre eles e se preparando para a vida real. A meditação consistia em um formato *linear*, do exercício à escrita; e no formato *circular*, que permitia a releitura e, portanto, relançava a meditação (FOUCAULT, 2004a, p. 146). Tal processo, desse modo, possibilitava uma “higiene mental” do autor, tornando um hábito de *cuidado de si*.

Considerada pelo autor uma das principais etapas do processo do cuidado próprio, a escrita permite a compreensão da *áskesis*, ou seja, a prática de escrever pela austeridade do corpo e espírito, permitindo a compreensão acerca da relação entre si:

[...] a narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo, e nela é possível destacar claramente dois elementos, dois pontos estratégicos que vão se tornar mais tarde objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita da relação consigo: as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações) e as atividades do lazer (mais do que os acontecimentos exteriores); o corpo e os dias.¹

Os apontamentos de Foucault mencionados contribuem para as principais concepções acerca o gênero autobiográfico contemporâneo, constituído das mais diversas formas de escrita. Discutido por Leônia Teixeira em sua obra *Escrita Autobiográfica e Construção Subjetiva* (2003), ao retratar a autobiografia no espectro social e ficcional, a autora sugere que “essas narrativas são reconhecidas e analisadas como meio de se conhecer como o social se personifica nos sujeitos, como a dinâmica social pode ser retratada nas vidas singulares cotidianas” (TEIXEIRA, 2003, p. 39).

¹ FOUCAULT, 2004a, p. 157.

Na obra *Eu Sei Por Que o Pássaro Canta na Gaiola* (2018), a personagem Marguerite discorre sobre os anseios de uma garota Negra² no contexto sulista estadunidense nos anos 1930, marcado pela mudança precoce ao Arkansas, motivada pela separação de seus pais e mudança à casa da avó Momma. O livro é considerado uma narrativa atual, pois, tendo em vista que foi escrito nos anos 1960, traduz sentimentos e situações pessoais e sociais vivenciadas pela narradora que são presentes na atualidade; especialmente no que se trata de racismo, violência, relação com a sociedade *branca*³ e do enraizamento de padrões em sua época. A obra enfatiza suas principais reflexões e sugere um molde, com a jornada narrativa, do *sujeito* protagonizado.

Descrito como um dos principais fatores sociais da época, além da herança da plantação de algodão como fonte de renda da população Negra local, a personagem cita a jornada de crianças sozinhas atravessando o país no início do século XX em busca de melhores condições de vida quando sua região falhou na expectativa de desenvolvimento. Semelhante à sua situação de viajante, a personagem descreve que tinha apenas três anos e seu irmão Bailey, quatro, quando chegaram sozinhos na casa de sua avó em 1931; ocasião em que possibilitou que a infância da narradora fosse ambientada em tal contexto.

Teixeira (2003) considera fundamental a construção do indivíduo com sua vida privada, pois mesmo se definindo como um produto do meio, este possui sua marca; estando facilmente sujeito ao estado de insatisfação consigo e buscando modos de lidar com tal sentimento. Dessa afirmação, consideramos como Angelou (2018, p. 35) apresenta o sentimento da personagem em torno do irmão Bailey, que carrega o papel de confidente e companheiro da narradora:

Bailey era a pessoa mais importante do meu mundo. E o fato de ele ser meu irmão, meu único irmão, e de eu não ter irmãs com quem dividi-lo, era uma sorte tão grande que me fazia querer viver uma vida cristã só para mostrar a Deus que eu estava agradecida. Enquanto eu era grande, desengonçada e barulhenta, ele era pequeno, gracioso e suave. Enquanto eu era descrita pelos nossos amigos de brincadeiras como sendo da cor de merda, ele era elogiado pela pele negra de veludo. O cabelo dele caía em cachos pretos, e minha cabeça era coberta de palha de aço preta. Mas ele me amava.

Angelou aponta para Bailey uma imagem harmônica, caracterizada como “gracioso, suave, pequeno”; assim como percebemos que a mesma identifica a si própria através da personagem Marguerite: “barulhenta e desengonçada”, um sentimento caótico. O trecho acima aponta para a menção anterior de Teixeira, em que a personagem se identificou como um produto do meio em que vivia a partir da caracterização pejorativa dos colegas; porém, idealizou em seu irmão uma admiração e refúgio.

Mesmo sugerindo uma passividade às ofensas, a garota opta, em seu discurso, por ter uma vida espiritual para agradecer o quanto era feliz ao lado de Bailey. Portanto, considera-se essa projeção um dos modos como Marguerite lidou

² O uso da inicial maiúscula ao referenciar “Negra(s)/Negro(s)” e “Comunidade Negra” é apresentado pela narradora em toda obra, optamos, assim, manter o mesmo padrão neste trabalho.

³ O uso das palavras “*branca(s)/branco(s)*” em formatação itálica é apresentado pela autora Grada Kilomba (2018). De mesmo modo, optamos por manter a referida expressão.

com essa e outras situações na narrativa, especialmente a de humilhação por sua cor e aparência, como sugere a citação.

Foucault (2004a) explica que a prática de escrever sobre si suscita o respeito humano e a vergonha: a presença alheia na conduta pessoal exerce o constrangimento e influencia a escrita a partir dos movimentos internos da alma (FOUCAULT, 2004a, p. 144). Este “outro”, porventura, poderia exercer também um papel de influência sobre os atos do autor, seja como participante, confidente ou observando e guiando tais ações.

Observa-se, também, o papel da família fortemente presente na narrativa, em especial, a influência da matriarca Annie Henderson (Momma). A narradora relata que sua avó era uma mulher bonita, forte e poderosa, ao mesmo tempo em que tinha a voz suave; e quando cantava na igreja, seu timbre era alto e cativante. Considerada uma mulher singular, de posses e respeitada em sua comunidade, inclusive pelos *brancos*, Marguerite exibe seu apego e admiração pela avó, em que enfatiza a idealização e os valores morais, afirmando uma presença atuante na formação do *sujeito* na narradora.

Desse modo, o círculo familiar e pessoal exerce influência na construção *subjetiva*, assim como as perspectivas e reflexões acerca da população branca ou, simplesmente, ‘os *brancos*’. Angelou (2018, p. 57) apresenta os sentimentos da personagem:

Uma barreira leve tinha sido colocada entre a comunidade Negra e tudo branco, mas dava para ver através dela o bastante para desenvolver um medo-admiração-desprezo pelas “coisas” brancas: carros de brancos e casas brancas reluzentes e seus filhos e suas mulheres. Mas, acima de tudo, a riqueza que permitia que eles desperdiçassem o que era mais invejável. Eles tinham tantas roupas que podiam dar vestidos perfeitamente bons, gastos só embaixo dos braços, para a aula de costura na nossa escola, para as garotas maiores treinarem.

Não somente a barreira física esteve presente entre a Comunidade Negra e as “coisas dos *brancos*”, mas também a barreira subjetiva entre Marguerite e tal parte da sociedade. Ao enfatizar sentimentos como medo, admiração e desprezo por tudo que é relacionado àquela parte da população, a narradora enfatiza o desperdício de roupas, algo como ‘invejável’, sugerindo uma infância marcada pela simplicidade e recursos limitados, mesmo vinda de família com posses.

Dalcastagné (2005, p. 114) aponta a construção da narrativa biográfica com a sobreposição de tempo e espaço, onde a simultaneidade de passado, presente e futuro em uma mesma linguagem reformula a ideia da perspectiva. Para a autora, as narrativas autobiográficas passeiam “[...] todas entre a juventude e a maturidade - são os velhos que costumam ser representados vivendo no passado, ou as crianças que são revisitadas pelo olhar do futuro” (DALCASTAGNÉ, 2005, P. 123-124).

Assim como a construção do *sujeito* está intimamente ligada à subjetividade, considera-se *subjetivo* cada processo que o autor vivenciou, abarcando os próprios sentimentos, constituindo o “eu” personificado na narrativa. Teixeira (2003, p. 42) reforça a ideia sugerida, enfatizando o espaço único, singular, ao redor do *sujeito*:

As possibilidades de diálogo com o próprio eu abrem espaços de experiencição social e privada. Os pensamentos, os devaneios, as fantasias e as ações são, agora, problematizados, tendo como referência um “mergulho” em si mesmo. O espaço do subjetivo abarca o homem moderno, invade-o, não podendo dele escapar. É esse espaço que o marca como singular, que o constitui, apesar de semelhante, como radicalmente diverso dos demais.

A experiencição social ao redor da obra relata o contexto de herança histórica através do racismo, gerando a possibilidade de o leitor identificar influências na vida particular dos personagens. Como exemplo, Angelou cita uma situação de constrangimento na infância da personagem, ambientada na seção infantil da igreja de sua Comunidade, onde crianças riam de seu esquecimento de um poema recitado, expressando um sentimento além de vergonha:

[...] Elas então entenderiam por que eu nunca peguei sotaque sulista, nem falava gírias comuns, e por que tinha que ser obrigada a comer rabo e focinho de porco. Porque, na verdade, eu era branca e uma fada-madrinha cruel, que sentia uma inveja compreensível da minha beleza, me transformou em uma garota Negra, grande demais, com cabelo preto crespo, pés grandes e um vão entre os dentes por onde passava um lápis número dois.⁴

Sugerindo um conflito pessoal através do modo como se identifica, a narradora exibe uma autodepreciação manifestada no padrão *branco* para a época, especialmente se tratando de uma visão de uma criança acerca de si. O modo como não se identificava com os costumes, vestimentas, comidas, tratamento entre os colegas e o papel da Igreja na comunidade, a narradora ainda enfatiza que “se crescer é doloroso para a garota Negra do sul, estar ciente do seu não pertencimento é a ferrugem na navalha que ameaça a garganta” (ANGELOU, 2018, p. 21).

O sentimento de não pertencimento, ao considerar a jornada de sua infância, nesse momento, sugere que influências externas e sociais atuam no íntimo da garota. Teixeira (2003, p. 39) aponta para a narrativa com o intuito histórico e memorialístico, onde os estudos sobre *relato de vida* sugerem a possibilidade de o *sujeito* construir uma autoimagem ou identidade através da reconstituição de sua história.

Desse modo, Teixeira (2003, p. 52) ainda destaca que “o eu é uma construção, uma ficção, constituída a partir do outro, o outro da cultura, daí ser uma construção intersubjetiva.”. Tomando como base tal afirmativa, considera-se, também, o processo de uma *escrita de si* como um papel descritivo e reflexivo, envolvendo anseios, espaços e temporalidades. Ao decorrer da obra, são possibilitadas ao leitor diversas perspectivas e impressões não somente do contexto como um todo – sociedade, família –, mas o lado pessoal de quem está narrando e protagonizando seu próprio *relato de vida* – anseios e expectativas.

A seguir, apresentaremos e analisaremos as principais influências sociais e histórico-culturais relatadas na obra, bem como de que modo a atuação dos personagens secundários refletiu nas perspectivas da protagonista.

⁴ ANGELOU, 2018, p. 20.

3 AS INFLUÊNCIAS DOS ASPECTOS SOCIOCULTURAIS.

As noções de construção do *sujeito* a partir de Foucault (2004a) colaboram para a reflexão de que fatores externos, sociais ou situacionais desempenhem influências nos ideais do autor de sua autobiografia. Leonor Arfuch (2010) associa identidade narrativa à historicidade, configurando o que ela classifica como “caráter narrativo da experiência” baseado nas vivências do autor, seja “operando simultaneamente como testemunho, arquivo, documento, tanto para uma história individual como de época” Arfuch (2010, p. 119).

Tornam-se fundamentais tais conceitos mencionados observando as vivências da narradora, considerando o contexto histórico-cultural norte-americano do início do século XX e permitindo que seu relato testemunhe acerca de costumes, espaços e problemáticas sociais daquela época, além das suas experiências pessoais.

O principal fator social encontrado na narrativa é a segregação racial herdada do pós-colonialismo. Fuão (2001, p. 62) afirma que “o racismo constitui-se numa forte herança cultural deixada pelos colonizadores europeus nos Estados Unidos da América, caracterizando-se por ser um processo permanente em toda a história norte-americana.”. O autor destaca que a visão eurocêntrica perpetuou a inferioridade Negra desde a época colonial, em que se considerava a cultura europeia superior que a dos povos escravizados.

Adentrando no relato de Marguerite, além da figura forte e imponente da avó citada anteriormente, ela explica que Momma era a única mulher Negra em Stamps a ser chamada de ‘senhora’. Além de gerar um sentimento de orgulho por parte da garota, nota-se a experiência e o cuidado da matriarca em trilhar os netos nos caminhos seguros, considerando a segregação e a relação entre brancos e negros daquela sociedade. Nesse quesito, Angelou (2018, p. 56) relata:

Momma pretendia ensinar a Bailey e a mim a usar os caminhos da vida que ela e a geração dela e todos os Negros anteriores encontraram e achavam seguros. Ela não gostava da ideia de que se podia falar com os brancos sem botar a vida em risco. E sem dúvida não se podia falar com eles com insolência. Na verdade, mesmo na ausência deles, não se podia falar sobre eles com rispidez, a não ser que usássemos o pronome “eles”. Se lhe perguntassem e ela decidisse responder se era covarde ou não, ela diria que era realista. Ela não “os” enfrentava ano após ano? Ela não era a única mulher Negra em Stamps já chamada de senhora?

Fuão (2001, p. 62) cita que o *racismo cultural* perpassou o tempo, inverteu e moldou valores de modo a tornar legítima a coerção e submissão do povo Negro. Para a cultura nos anos 1930, nenhuma mulher Negra deveria ser chamada de ‘senhora’, como sugere a citação. Ao enfatizar o respeito não só por sua avó, mas também pela linhagem da família, Marguerite explica a inferioridade do falante, ou crianças, ao tratar todos por codinomes (senhor, senhora, tios, primos, etc.), mas as únicas que não o faziam eram as crianças *brancas* pobres de sua comunidade.

De todo modo, Momma, dona de posses e do principal Mercado na área Negra de Stamps, superava as expectativas e imposições para a época. Sua religião

fincada no cristianismo e a presente atuação na Igreja Metodista Episcopal de Pessoas de Cor denotaram na narrativa forte influência, senão, permitiram o molde de ações e pensamentos durante a infância de Marguerite.

Um dos principais estudos contemporâneos acerca de racismo, gênero e memória são apresentados por Grada Kilomba (2019). Ao referir-se à escrita de sujeitos Negros, a autora cita que “escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor ‘validada/o’ e ‘legitimada/o’ e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente” (KILOMBA, 2019, p.28).

Ao lembrar a importância da conscientização coletiva, a autora afirma que reconfigurando as estruturas sociais de poder, as diversas identidades marginalizadas também moldam a ‘noção de conhecimento’ (KILOMBA, 2019, p.13). No decorrer da obra estudada, observa-se a utilização das palavras ‘Negro(s)’ e ‘Negra(s)’ com a inicial maiúscula, Kilomba também associa a palavra Black com o termo maiúsculo, ou *negra/o* em formatação itálica; remetendo tal uso a uma identidade política, de resistência e luta pela igualdade, afastando-se do modo colonial e sugestivo à inferioridade como fora proposto.

Kilomba (2019) remete a construção do *sujeito negro* às memórias da plantação, característica também colonial e presente no contexto de Angelou⁵, bem como ao racismo cotidiano e a realidade negligenciada. Ao incorporar-se como *sujeito* de sua própria história, Kilomba cita que a escrita de povos Negros torna-se um ato político, pois “enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou”⁶.

Na reflexão acerca dos anseios da Comunidade Negra em relação aos *brancos*, Angelou (2018, p. 38) cita a realidade da personagem no Arkansas:

Em Stamps, a segregação era tão completa que a maioria das crianças Negras não tinha a menor ideia de como os brancos eram. Fora isso, eles eram diferentes, deviam ser temidos, e nesse medo estavam incluídas a hostilidade do impotente contra o poderoso, do pobre contra o rico, do trabalhador contra o patrão e do maltrapilho contra o bem-vestido. Eu me lembro de nunca acreditar que os brancos eram muito reais.

Somadas a essas concepções, Kilomba (2019, p. 167) explica que “áreas *negras* segregadas representam lugares com os quais pessoas *brancas* não se importam, ou não ousam ir, e dos quais mantêm uma distância corpórea específica.”. Enfatizando o temor em relação aos *brancos*, como citado acima, é possibilitada a compreensão de uma imposição da “superioridade” *branca*. Nesse contexto, seriam os “Negros e pobres” contra “*brancos* e ricos” separados por barreiras físicas, sociais e morais.

Kilomba (2019, p. 37) também afirma que o *sujeito negro* torna-se a personificação de “Outridade”, dos aspectos repressores do “eu” do *sujeito branco*, ou a representação do que ele não quer se tornar ou se parecer. Além disso, a

⁵ Vide herança da plantação de algodão no sul dos Estados Unidos.

⁶ KILOMBA, 2019, p. 28.

autora ainda sugere que o *sujeito branco* projeta o que acredita ser a Negritude: selvageria, servidão, prostituição ou criminalidades.

Na ocasião de sua formatura, Marguerite relata sobre um orador convidado ao evento, um político *branco*, que exaltou melhorias na escola central da região – para *brancos* – e, porventura, incluía a escola da Comunidade de Stamps. Ao decorrer de sua fala, tal político exalta jogadores de basquete Negros que passaram pela Lafayette County Training School, gerando desconforto na plateia. Tal incômodo se deve aos poucos “heróis Negros” considerados à época senão os que eram incumbidos ao meio esportivo, não ao acadêmico.

O importante detalhe segue para escolas da época, consideradas “de Pessoas de Cor”, ensinarem crianças e adolescentes somente a desenvolver habilidades na agricultura, serviços domésticos e mecânicos. “Os alunos brancos teriam a chance de se tornar Galileus e Madames Curie e Edisons e Gauguins, e nossos garotos (as meninas nem estavam na conta) tentariam ser Jesses Owens e Joes Louis.” (ANGELOU, 2018, p. 158).

Considerada uma fala humilhante do político à sua comunidade, Angelou (2018, p. 159) expressa a indignação da personagem ao momento: “era horrível ser Negra e não ter controle sobre a minha vida. Era brutal ser jovem e já estar treinada para ficar sentada em silêncio ouvindo as acusações feitas contra a minha cor sem chance de defesa.”.

Tal situação corrobora com as contribuições de Kilomba, tendo em vista o estigma incutido no povo Negro à época: o papel das mulheres associado ao serviço doméstico e o dos homens servidores braçais ou, no máximo, alguém que lutou para chegar ao reconhecimento por meio do esporte, a exemplo do pugilista Joe Louis. Em outra ocasião, Marguerite cita a luta de Louis contra o italiano Primo Carnera, onde pessoas da sua Comunidade se reuniram em sua casa para ouvir o episódio no rádio. A narradora reflete seus anseios e os de sua comunidade, afinal, era a luta de um Negro contra um *branco*, e em determinado momento, Louis foi golpeado:

Minha raça gemeu. Era nosso povo caindo. Era outro linchamento, mais um Negro enforcado em uma árvore. Mais uma mulher emboscada e estuprada. Um garoto Negro chicoteado e ferido. Eram cachorros na trilha de um homem correndo por pântanos gosmentos. Era uma mulher branca estapeando a empregada por ser esquecida. [...] Se Joe perdesse, estaríamos de volta à escravidão, sem chance de ajuda. Seria tudo verdade, as acusações de que éramos do tipo mais baixo de ser humano. Só um pouco acima dos macacos. Seria verdade que éramos burros e feios e preguiçosos e sujos e sem sorte e, pior de tudo, que o Próprio Deus nos odiava e nos mandava ser carregadores de madeira e coletores de água para sempre, sem nunca ter fim.⁷

A possível derrota de Joe remetia à queda de todo um povo. Como sugerido pela narradora, seria mais uma vitória do racismo, das acusações injustas, dos assassinatos dos Negros e humilhações às Negras. E Joe Louis venceu. Várias pessoas que estavam com suas famílias na casa da personagem comemorando eram de outras cidades e, ao fim do capítulo, ela cita que tais pessoas encontraram um modo de ficar em Stamps, pois “não seria bom um homem Negro e sua família

⁷ ANGELOU, 2018, p. 123.

serem pegos em uma estrada solitária na noite em que Joe Louis provou que éramos o povo mais forte do mundo” (ANGELOU, 2018, p. 124).

Outro aspecto sociocultural emergido na obra é o fato de Negros constantemente serem denunciados e acusados de crimes e estupro a mulheres brancas. Não era incomum encontrarem corpos Negros pelas matas, ou a polícia rondar toda a Comunidade de Stamps e acusar qualquer homem Negro na rua. Sobre esse fato, a personagem relata um episódio onde estavam à procura de um Negro que “havia se metido com uma branca” e seu Tio Willie, o qual era portador de uma deficiência física, precisava se esconder no Mercado da família durante toda a noite. Angelou (2018, p. 32) cita a revolta da personagem em relação à situação, descrevendo as humilhações em que os homens Negros sofriam:

Se no Julgamento Final eu fosse convocada por São Pedro para dar testemunho sobre o ato de gentileza do antigo xerife, seria incapaz de dizer qualquer coisa a favor dele. A confiança que ele tinha de que meu tio e todos os outros homens Negros que ouvissem a caravana da Klan⁸ chegando correriam para debaixo de casa para se esconderem no meio de cocô de galinha era humilhante demais para ouvir.

Sugerindo um sentimento de medo por parte de toda a Comunidade e do povo Negro, Angela Davis (2016) explica que o estupro fraudulento seguido de linchamentos se tornou um dos artifícios mais injustos para o início do século XX, além da violência física, psicológica e mental já incumbida às mulheres e homens Negros desde o período colonial. Sobre o primeiro caso, ela afirma que “o mito do estuprador negro tem sido invocado sistematicamente sempre que as recorrentes ondas de violência e terror contra a comunidade negra exigem justificativas convincentes.” (DAVIS, 2016, p. 189). Para a autora, a violência é o fator primordial para a sobrevivência, tendo em vista que homens *brancos* justificavam seus atos brutais contra os Negros em favor à “defesa de suas mulheres”.

Grada Kilomba (2019) colabora com a explicação acima sugerindo que o colonizador inverteu a noção de opressor e oprimido, impondo ao povo Negro uma imagem de inimigo, daquele que rouba, desapropria e toma o que “é do *branco*”, ou “uma projeção daquilo que o *sujeito branco* teme reconhecer em si mesmo” (2019, p. 37). A autora ainda cita que tais sentimentos causam ansiedade, culpa e vergonha, sendo projetados como um meio de escape.

Portanto, possibilita-se o encontro de tais sentimentos nas reflexões de Marguerite, assim como sua fala pode representar um pensamento coletivo, um anseio compartilhado, especialmente ao se tratar do divino:

As pessoas cuja história e cujo futuro eram ameaçados diariamente de extinção achavam que só podiam estar vivas por intervenção divina. Acho interessante que a menor das vidas, a mais pobre das existências, seja atribuída à vontade de Deus. Mas, conforme os seres humanos ficam mais abastados, conforme o padrão e o estilo de vida começam a ascender na escala material, Deus diminui a escala de responsabilidade em velocidade proporcional.⁹

⁸ Referência a Ku Klux Klan.

⁹ ANGELOU, 2018, p. 112.

No trecho acima, a personagem expressa não somente uma profunda reflexão de crença no divino, mas a atribuição da existência de seu povo a Deus. Notoriamente, a Igreja Metodista Episcopal em suas diversas denominações (de Pessoas de Cor, Africana, entre outros) acolhia e tinha como público o povo Negro, local em que descansavam sua fé e renovavam as esperanças diante de sua época. O relato acima sugere que quando os *brancos* ascendiam e se tornavam mais ricos, Deus faria menos parte de suas vidas.

O conceito do divino também apresenta no íntimo da personagem ao exaltar seu irmão, Bailey, único amigo e confidente. Ela reflete que “de todas as necessidades (e nenhuma é imaginária) que uma criança solitária tem, a que tem que ser satisfeita, se vai haver esperança e uma esperança de totalidade, é a necessidade inabalada de um Deus inabalável”; e complementa, “Meu lindo irmão Negro era meu reino dos céus.” (ANGELOU, 2018, p. 37).

Após a breve análise da participação e influência da família e comunidade na narrativa, assim como os anseios da personagem, discorreremos acerca do enraizamento social a partir do racismo e do padrão de *branquitude*.

4 O RACISMO ENRAIZADO E O PADRÃO *BRANCO*.

Um desafio para a narradora no início de sua autobiografia relaciona-se com a aparência: “as pessoas não ficariam surpresas quando um dia eu acordasse do meu feio sonho negro, e meu cabelo de verdade, que era longo e louro, assumisse o lugar do capacete crespo que Momma não me deixava alisar?” (ANGELOU, 2018, p. 20). A citação sugere um padrão *branco* de estética, formado pelo cabelo liso e longo ao cabelo crespo e curto, pele branca à pele Negra, sonho *branco* de algo belo, verdadeiro e adequado ao “sonho negro” de algo negativo, repugnante e sujo.

Uma das heranças pós-coloniais enraizadas na sociedade americana aponta para o povo Negro como considerado inferior; ao cabelo crespo ou cacheado como considerado “ruim”; assim como religiões afrodescendentes sendo demonizadas na visão padrão do cristianismo *branco*. Kilomba (2019, p. 124) fala sobre fantasias de sujeira e domesticação colonial, onde a sociedade *branca* reprimiu e projetou nas/os Negras/os as concepções do que é sujo e selvagem.

Marguerite narra algumas passagens do enraizamento do padrão *branco* daquela época em sua própria Comunidade e, senão, no seu íntimo. Tendo em vista que os primeiros anos de vida foram vivenciados no Arkansas longe de seus pais, Angelou (2018, p. 65) descreve a primeira vez que a personagem encontrou sua mãe, em St Louis:

A beleza da minha mãe me massacrou. Os lábios vermelhos (Momma dizia que era pecado usar batom) se abriram e exibiram dentes brancos retos, e sua cor de manteiga fresca parecia transparente de tão limpa. Seu sorriso arreganhou a boca para além das bochechas, para além das orelhas e, aparentemente, pelas paredes até a rua lá fora. Fiquei muda. Soube imediatamente por que ela me mandou para longe. Ela era linda demais

para ter filhos. Eu nunca tinha visto uma mulher tão linda quanto a que se chamava “Mãe”.

Observam-se alguns aspectos: lábios vermelhos, dentes brancos, transparência e limpeza, descrição do corpo com ênfase em algo perfeito, e autonegação em ser motivo de, supostamente, ser mandada para a casa de sua avó no Arkansas.

Os exemplos descritos remetem a também contribuição de Kilomba (2018, p. 125) ao associar a “sujeira”, mencionada anteriormente, com a sexualidade, e a “selvageria” com a agressão. Vivian Baxter, mãe da personagem, foi caracterizada como uma mulher Negra e bonita, possibilitando a associação com a sexualidade; já a descrição de Momma sobre lábios vermelhos como algo impuro sugere uma condenação religiosa internalizada. Os dentes brancos e cor que parecia ser transparente, limpa, associam-se contrárias à sujeira; e o comentário particular da garota que se autodeprecia, sugere que esta era supostamente suja para sua mãe.

Continuando o relato, Marguerite cita: “nunca consegui acreditar que ela fosse real. Ela era tão linda e tão brilhante que mesmo quando tinha acabado de acordar, com os olhos sonolentos e o cabelo desgrehado, eu achava que ela parecia a Virgem Maria.”¹⁰. Tal citação relaciona sua mãe com a Virgem Maria – a noção de pureza, *branquitude*, divino e belo, indo de encontro aos preceitos da sociedade vigente. Os aspectos físicos harmoniosos contidos na descrição de Vivian são contrários à agressividade e semelhantes à calma da Virgem Maria, apontando para uma idealização infantil da personagem.

Assim como a associação da mãe da narradora com o divino e o padrão *branco*, Angelou (2018, p. 57) cita a concepção de “Deus” para a personagem:

Eu não conseguia entender os brancos e onde eles conseguiam o direito de gastar dinheiro com tanta extravagância. Claro que eu sabia que Deus também era branco, mas ninguém poderia me fazer acreditar que Ele tinha preconceito. Minha avó tinha mais dinheiro do que todos os lixentos da pobreza branca. Nós éramos donos de terras e casas, mas todos os dias Bailey e eu ouvíamos o aviso: “Quem guarda, tem”.

Como mencionado no capítulo anterior, Marguerite relata o exagero dos *brancos* à riqueza e consumo em contrapartida à simplicidade interiorana dos Negros em Stamps. Mesmo com sua família tendo posses, Momma mantinha a discrição e a humildade, ao contrário dos brancos e pobres que ainda emergiam a superioridade relacionada à cor da pele. Associa-se tal concepção de “Deus” com o enraizamento da visão eurocêntrica, baseada no divino *branco* e o profano Negro.

A noção do divino para a personagem também faz parte de sua *construção subjetiva*, tendo em vista seu relacionamento com um “Deus branco” que, em seu discurso, não a rejeitava por ser Negra; assim como “viver uma vida cristã só para mostrar a Deus que eu estava agradecida” (ANGELOU, 2018, p. 35) por ter seu irmão Bailey, descrito como belo e confidente, em sua vida.

Um aspecto fundamental, especialmente para as garotas nos anos 1940, é o treinamento e aprendizado no comportamento diante da sociedade e nas

¹⁰ ANGELOU, 2018, p. 72.

habilidades dos afazeres domésticos. Ao que tange as garotas Negras, Angelou (2018, p. 100) cita a reflexão da personagem em relação ao seu contexto:

Era verdade que o treinamento não era o mesmo. Enquanto as garotas brancas aprendiam a dançar valsa e a se sentarem graciosamente com uma xícara de chá equilibrada nos joelhos, nós ficávamos para trás e aprendíamos valores de meados da era vitoriana com pouco dinheiro para podermos nos entregar a eles.

A narradora sugere que, para as garotas Negras, o “treinamento de boas maneiras” era aprendido em casas de pessoas *brancas*; e comumente havia a cultura de serventia desde cedo onde, muitas vezes, descendentes de escravos continuavam trabalhando para tais famílias.

Marguerite relata que passou uma temporada trabalhando e aprendendo sobre cozinha na casa da Sra. Cullinan, uma mulher *branca* vinda do estado da Virgínia e tinha como empregada uma mulher Negra que chamava de Glory (porém, seu nome de batismo é Halleluiah), onde sua geração foi escrava da família e após a abolição, continuaram trabalhando para eles. Em determinada situação, a personagem decorre que a patroa a chamava de Margaret, ou Mary, deixando-a furiosa; e como vingança, deixou que as louças favoritas da mulher quebrassem ao chão. Tal episódio foi o suficiente para que a Sra. Cullinan despejasse palavras pejorativas contra a garota – crioula/crioulinha estabanada¹¹ – enquanto, ajoelhada, apanhava os restos de porcelana herdados de sua família escravista.

A ideia de uma *branca* se ajoelhar diante da vingança de uma garota Negra, implicitamente, gerou um conforto posterior à personagem, a qual relata seu divertimento com o irmão Bailey ao contar-lhe a situação. Kilomba (2019, p. 157) reforça a ideia do tratamento entre *brancos* e Negros, em que:

Há uma dinâmica de *orgulho-vergonha* nesse relacionamento colonial. Enquanto a mulher *negra* é humilhada e desonrada em público, aquelas/es que a ofenderam têm a chance de desenvolver um senso de poder e autoridade, diretamente ligado à sua degradação.

A autora associa, também, o medo do *branco* ser contaminado com a Negritude “invasora” em “seu território”. Associando à narrativa, interpretou-se que a Sra. Cullinan seguiu o padrão e a internalização da herança colonial ao chamar a narradora não somente por seu nome errado, mas ao sentir-se no direito de falar mal, de modo preconceituoso. Situações como a descrita apontam para o Negro ser chamado pelo nome errado, como cita Marguerite: “era uma prática perigosa chamar um Negro de qualquer coisa que pudesse ser encarada como insultante por causa dos séculos em que foram chamados de pretos, negrinhos, crioulos, neguinhos, pretinhos, escurinhos”¹²

As concepções mencionadas sugerem influências no âmbito social na narrativa. A seguir, discutiremos sobre o relato de abuso sexual sofrido pela personagem, observando e considerando suas reflexões e anseios.

¹¹ ANGELOU, 2018, p. 105.

¹² ANGELOU, 2018, p. 103

4.1 Reflexões acerca do relato de violência sexual.

Um dos principais acontecimentos da obra é a violência sexual infligida pelo Sr. Freeman, padrasto da narradora. A personagem relata que aos oito anos se mudou para a casa de sua família em St. Louis, logo após o encontro com sua mãe, mencionado anteriormente. Logo nos primeiros dias, a narradora cita que dormiu ao lado do casal, gerando desconforto de início, pois nunca dormira ao lado de um homem senão de sua avó e Bailey; porém, acostumou-se logo em seguida à presença do padrasto.

O primeiro ato de abuso ocorreu em determinada manhã, quando a garota acordou com as partes íntimas do homem tocando sua perna: “Mas acordei com uma pressão, uma sensação estranha na perna esquerda. Era mole demais para ser uma mão, e não era o toque de roupas. Eu não tinha tido aquela sensação, o que quer que fosse, em todos os anos que dormi com a mamãe.” (ANGELOU, 2018, p. 75). E continua:

O sr. Freeman me puxou para perto dele e colocou a mão entre as minhas pernas. Não machucou, mas mamãe tinha enfiado na minha cabeça: “Fique com as pernas fechadas e não deixe ninguém ver sua florzinha”. “Eu não machuquei você. Não tenha medo.” Ele afastou o cobertor, e a “coisa” dele estava em pé como uma espiga de milho marrom. Ele segurou minha mão e disse: “Sinta”. Era gosmento e molengo como a parte de dentro de uma galinha recém-morta. Ele me puxou para cima do peito com o braço esquerdo, e a mão dele estava se mexendo tão rápido e seu coração estava batendo com tanta força que tive medo de ele morrer. [...] Então ele ficou quieto, e aí veio a parte boa. Ele me abraçou com tanto carinho que desejei que nunca me soltasse. Eu me senti em casa.¹³

Ao leitor, o relato transparece a inocência da criança: o alerta da mãe em não deixar ninguém tocá-la, porém, a confiança sentida pelo padrasto e o “abraço carinhoso”, permitiu a garota esconder o ocorrido até de seu próprio irmão, como cita: “esse foi o primeiro segredo que escondi de Bailey, e às vezes eu achava que ele devia conseguir ler no meu rosto, mas ele não reparou em nada”¹⁴.

Tal abraço afetivo possibilita a concepção de lar e proteção, criando a expectativa de acolhimento mesmo não compreendendo, ao certo, que se tratava de um abuso sexual. No entanto, essa euforia foi quebrada pelo distanciamento do Sr. Freeman durante meses após o primeiro ato, gerando um sentimento de frustração. Desse modo, é relatado: “Fiquei magoada e, por um tempo, me senti mais solitária do que nunca. Mas acabei esquecendo-o, e até a lembrança dele me abraçando com carinho derreteu na escuridão geral logo além dos antolhos da infância” (ANGELOU, 2018, p. 76).

A fuga gerada pelo padrasto não o impediu de violentá-la novamente. Aproveitando-se da ausência da família, ele a surpreende, ordenando tirar a calcinha e ameaça matá-la caso grite. Angelou (2018, p. 79-80) relata que a garota, então, tenta se afastar do homem:

¹³ ANGELOU, 2018, p. 75

¹⁴ Idem.

A calça dele estava aberta e a “coisa” estava de pé para fora da cueca, sozinha. “Não, senhor, sr. Freeman.” Comecei a recuar. Não queria tocar naquela coisa molenga-dura de novo, e não queria mais que ele me abraçasse. Ele pegou meu braço e me puxou entre as pernas. [...] E aí veio a dor. Uma invasão indesejada em que até os sentidos são destruídos. O ato de estupro em um corpo de oito anos é questão da agulha deixar o camelo passar pelo seu buraco por não ter outra opção. A criança cede porque o corpo pode, e a mente do violador não consegue.

A cena segue com Marguerite sendo lavada pelo padrasto após um desmaio, informando que deseja somente descansar. Novamente, a cena remete ao leitor a ingenuidade da criança, que não compreendia a dimensão do ocorrido, somente estando receosa pelas ameaças do homem em matar Bailey caso o abuso fosse descoberto. Tendo em vista o apego da narradora com o garoto, ela precisou, portanto, esconder de todos o que estava acontecendo: das dores em seu corpo à calcinha manchada após o ato embaixo da cama.

As reações da personagem permitiram a família acreditar que estava doente, até que acabaram por encontrar a prova do crime e o autor do estupro. O homem, então, foi a julgamento.

A narrativa segue no tribunal, onde a personagem foi questionada diversas vezes de modo desrespeitoso pelo advogado de defesa, transparecendo duvidosa a acusação de uma criança Negra de oito anos: “Você quer dizer que este homem estuprou você e você não sabe o que ele estava usando?”; “Você sabe se foi estuprada?”; como também, “O acusado tentou tocar em você antes da vez que ele, ou melhor, que você diz que ele estuprou você?”¹⁵.

Todos os questionamentos permaneceram sem respostas, exceto o último, sobre o qual a narradora mente, temendo ser presa e machucar todos e inclusive seu irmão, pelo segredo. Ao fim, o homem é condenado em um ano e um dia; porém, solto na mesma tarde do julgamento e aparecendo morto em seguida. Tal ocorrido levanta o questionamento se, caso a criança violentada fosse *branca*, o tratamento seria feito da mesma forma e com tanta veemência.

Kilomba (2019, p. 138) aborda a política sexual em volta de mulheres Negras, explicando que vítimas de agressão comumente assumem a responsabilidade do agressor, experimentando os sentimentos de culpa e vergonha que deveriam ser deles. Observa-se que o mesmo ocorre com Marguerite, a qual mesmo tendo o apoio da família, assim reflete: “um homem estava morto porque eu menti. Onde estava o equilíbrio nisso? Uma mentira não valia a vida de um homem.”¹⁶:

A única coisa que eu podia fazer era parar de falar com outras pessoas além de Bailey. Instintivamente, ou de alguma forma, eu sabia que, como o amava tanto, eu nunca faria mal a ele, mas se falasse com qualquer outra pessoa, essa pessoa podia morrer também. Só meu hálito, carregando minhas palavras, podia envenenar as pessoas, e elas murchariam e morreriam como as lesmas pretas e gordas que só fingiam. Eu tinha que parar de falar.¹⁷.

¹⁵ ANGELOU, 2018, p. 85.

¹⁶ ANGELOU, 2018, p. 86.

¹⁷ ANGELOU, 2018, p. 87.

As situações do julgamento, da descrença da palavra de uma criança por parte da justiça, da dor física e psicológica ao enfrentar aquele que a abusou e a culpa de mentir diante da sociedade e, em especial, de seu irmão, levaram a garota a acreditar que suas palavras podiam matar qualquer um a quem dirigisse a palavra.

Kilomba (2019, p. 44) sugere que a culpa sucede a negação como interdição moral, onde “esse é um estado emocional no qual o indivíduo vivencia o conflito de ter feito algo que acredita que não deveria ter feito ou, ao contrário, de não ter feito algo que acredita que deveria ter sido feito.”. Portanto, a personagem sentiu culpa e responsabilidade não pelo abuso, mas pelo assassinato do Sr. Freeman.

Desse acontecimento, acarretou à personagem um mutismo patológico por cinco anos. Ao retornar à casa de sua avó no Arkansas, comunicou-se somente com Bailey, pelo amor e proteção que ambos sentiam.

A partir do relato acima e do crescimento da personagem no contexto sulista desde então, discutiremos na seção seguinte acerca dos anseios e situações vivenciadas pela narradora que retomam e destacam suas *subjetividades*.

5 O RETORNO À SUBJETIVIDADE A PARTIR DA IDENTIDADE NEGRA.

O processo de desenvolvimento reflexivo da narradora remete desde o próprio abuso sofrido às consequências da segregação em sua comunidade e anseios pessoais através do amadurecimento da infância para adolescência/vida adulta: “A excitação é uma droga, e as pessoas cujas vidas são cheias de violência sempre se perguntam de onde vem a próxima ‘dose’”. (ANGELOU, 2018, p. 84).

Uma das conquistas de Marguerite aos catorze anos é a tão esperada formatura escolar, ocasião que antecedeu sua volta à Califórnia para morar com a família. No dia em questão, a narradora reflete acerca de seus anseios:

Eu esperava que a lembrança daquela manhã nunca me abandonasse. A luz do sol ainda estava jovem, o dia não tinha a insistência que a maturidade traria a ele em poucas horas. De roupão e descalça no quintal, com o pretexto de ir ver meus novos feijões plantados, me entreguei ao calor suave e agradei a Deus porque, independentemente do mal que eu tivesse feito na vida, Ele me permitiu viver para ver aquele dia. Em algum lugar no meu fatalismo, eu esperava morrer acidentalmente e não ter a chance de subir a escada do auditório e receber meu diploma conquistado arduamente. Ganhei uma trégua do seio misericordioso de Deus.¹⁸

Destaca-se o desejo de uma garota apenas vivenciar seu momento particular, sem a pressa de “amadurecer” tal qual o dia faria em breve, projetando também para a sua passagem de infância à adolescência. O sentimento de gratidão ao divino pela possibilidade de experimentar tal ocasião suscita a entrega à sua singularidade.

¹⁸ ANGELOU, 2018, p. 154

A alegria em ver seu esforço sendo reconhecido e seu povo sendo prestigiado na formatura sugere ao leitor não somente o orgulho por parte da narradora, bem como a compreensão de sua importância naquele contexto. A breve reflexão também remete a uma ascensão pessoal: “as profundezas eram geladas e escuras, mas agora um sol forte iluminava nossas almas. Eu não era mais só uma integrante da orgulhosa turma de formandos de 1940; eu era uma integrante orgulhosa da maravilhosa e linda raça Negra.” (Angelou, 2018, p. 162).

Kilomba (2019) considera que o estudo e a compreensão da marginalidade própria permite a transformação do *sujeito*, apontando o reconhecimento a partir de como o “eu” se identifica como ele é, desassociando-se do pensamento alheio. O reconhecimento, para a personagem, sucede de uma herança, já mencionada, dos fatores histórico-culturais de repressão e alienação ao padrão social *branco*:

Parece, portanto, que o trauma de pessoas *negras* provém não apenas de eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas sim do traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo *branco*, que é a irracionalidade do racismo que nos coloca sempre como a/o “*Outra/o*”, como diferente, como incompatível, como conflitante, como estranha/o e incomum (KILOMBA, 2019, p. 40).

Após o retorno para a casa de sua mãe e a mudança para Califórnia, a personagem constrói suas percepções, então, convivendo mais próxima dos *brancos*, especialmente pela influência e poder do então padrasto Papai Clidell, que designou imagem e sentimentos paternos, visto que seu pai se manteve ausente aos acontecimentos da vida da narradora.

Desse contato, Marguerite pôde conhecer as singularidades de uma sociedade onde o Negro estava mais atuante em comparação ao Arkansas, apesar da intensa e contínua segregação. Ao conhecer alguns golpistas Negros bem sucedidos que aplicavam golpes contra ricos *brancos*, ela explica que suas histórias eram gratificantes, pois eles usavam o preconceito do *branco* contra ele mesmo, vencendo-os sempre. E reflete:

As necessidades de uma sociedade determinam sua ética, e nos guetos Negros americanos o herói é o homem que só recebe migalhas da mesa do país, mas que com engenhosidade e coragem consegue fazer um banquete digno dos deuses. Assim, o zelador que mora em um quartinho, mas anda em um Cadillac azul, não é motivo de riso, e sim admirado, e a doméstica que compra sapatos de quarenta dólares não é criticada, e sim apreciada. Nós sabemos que eles botaram em prática os poderes mentais e psicológicos que têm. Cada ganho individual aumenta os ganhos do coletivo. As histórias de violações da lei são pesadas em balanças diferentes na mente Negra e na branca. Crimes pequenos constroem a comunidade, e muitas pessoas se perguntam com tristeza por que os Negros não roubam mais bancos, não desviam mais fundos e não fazem mais uso de suborno nos sindicatos. “Nós somos as vítimas do roubo mais extenso da história. A vida exige equilíbrio. Não tem problema se cometermos pequenos roubos agora.” Essa crença tem apelo particular para quem não consegue competir legalmente com os outros cidadãos.¹⁹

Munanga (1990) remete à reação do povo Negro à agressão social e racial *branca*, resultada em racismo, como construção da Negritude. O autor pontua três

¹⁹ ANGELOU, 2018, p. 194.

objetivos gerais dessa concepção: a busca pela identidade Negra africana, o protesto contra a colonização e a luta pelos povos oprimidos; apelando para uma civilização universal e concreta. Para o autor, a identidade consiste em assumir suas condições de Negro e transformá-la em orgulho, como *sujeito* cultural, trazendo para si tudo o que admirava nos *brancos*. (MUNANGA, 2012). Observa-se, portanto, um reconhecimento e identificação entre *sujeitos*.

Kilomba (2019) também associa a insatisfação do *sujeito* Negro ao perceber que não tem as mesmas oportunidades que o *sujeito branco*, gerando assim a frustração. No contexto vivenciado na obra, o Negro que alcançava e superava os limites sociais de segregação era motivo de orgulho, haja vista seu esforço e luta em uma sociedade em que a balança social de oportunidades recai para o *branco*.

Aos quinze anos, Marguerite cita seu desejo de trabalhar como condutora de bondes, sendo alertada por sua mãe que acreditava não aceitarem pessoas Negras para trabalhar nessa função, e relata: “da decepção, subi gradualmente a escada emocional para a indignação arrogante e, finalmente, até o estado de teimosia em que a mente fica presa na bocarra de um buldogue furioso” (ANGELOU, 2018, p. 225). Tal citação sugere que a garota esteve decidida a passar por cima das restrições e preconceitos, conseguindo, assim, ser contratada como a primeira mulher Negra condutora de bondes de São Francisco:

A mulher Negra é agredida nos anos jovens por todas essas forças comuns da natureza ao mesmo tempo em que fica presa no fogo cruzado triplo do preconceito masculino, do ódio branco ilógico e da falta de poder Negro. O fato de que a mulher Negra americana adulta surge como um personagem formidável costuma ser visto com surpresa, aversão e até beligerância. Raramente é aceito como resultado inevitável da luta vencida por sobreviventes que merece respeito, se não aceitação entusiasmada.²⁰

Os apontamentos acima sugerem um amadurecimento reflexivo e singular à narradora, não somente ao compreender acerca do racismo em relação à mulher Negra, como do preconceito masculino comum à sua época. Kilomba (2018) afirma que a mulher Negra inclusa na sociedade como representação de Negritude também configura racismo, visto que, ao estar inclusa em determinada posição, acaba por representar todas as pessoas Negras que foram excluídas dela. O papel da mulher na luta pelo reconhecimento também permite identificações com outros *sujeitos* Negros, entre “sua(s) história(s), suas biografias, suas experiências, seus conhecimentos, etc. Essa série de identificações previne o *sujeito negro* da identificação alienante com a branquitude.” (KILOMBA, 2019, p. 237).

No final da obra, após sair do emprego e voltar aos estudos, a personagem declara seus anseios em conhecer o próprio corpo, temendo ser lésbica ou hermafrodita, por acreditar que o crescimento de sua região íntima era sinônimo de “algo diferente”. Queixando-se de sua aparência e feições, ela desejava: “ser mulher, mas isso me parecia estar em um mundo no qual minha entrada seria eternamente recusada. Precisava de um namorado. Um namorado esclareceria minha posição para o mundo e, ainda mais importante, para mim.” (ANGELOU, 2018, p. 236). Portanto, Marguerite desejava iniciar sua vida sexual para situar-se como, agora, uma jovem mulher aos dezesseis anos.

²⁰ ANGELOU, 2018, p. 230.

Relatando suas aflições, a narradora explica: “Estava sendo esmagada por duas forças inexoráveis: a desconfiança inquietante de que eu podia não ser uma mulher normal e meu recém-despertado apetite sexual. Decidi resolver o problema com as próprias mãos.” (ANGELOU, 2018, p. 236-237). Ela, então, surpreende um dos garotos populares do bairro a ter relações consigo, aceitando prontamente, situação que ocorre sem cerimônias. E prossegue: “Graças ao sr. Freeman, nove anos antes, eu não tive que aguentar dor na penetração, e por causa da ausência de envolvimento romântico, nenhum de nós achava que o que tinha acontecido era grande coisa.”²¹. Após o ato, seguiu confiante, não demonstrando recusas ou bloqueios diante do abuso ocorrido antes.

Após a descoberta da gravidez, Marguerite expressa sua aflição ao comparar o distanciamento das pessoas que fingiam viver normalmente, “enquanto eu sabia que o ar tinha sido sugado por uma inalação monstruosa do Próprio Deus. Só eu estava sufocando no pesadelo.” (ANGELOU, 2018, 239). O sentimento de culpa se formou, permitindo que a narradora guardasse o segredo de sua família visto que precisava concluir o ensino médio. Na noite de sua formatura, ela decide revelar a gravidez, três semanas antes de dar a luz. Sendo acolhida pelo padrasto e pela mãe, projetando o sentimento materno e segurança para a situação, Angelou (2018, p. 242) apresenta a reflexão da personagem:

Assim como a gratidão foi confundida na minha mente com amor, a posse se misturou com a maternidade. Eu tinha um bebê. Ele era lindo e meu. Totalmente meu. Ninguém o comprou para mim. Ninguém me ajudou a aguentar os meses de enjoo. Tive ajuda na concepção da criança, mas ninguém podia negar que eu tinha tido uma gravidez imaculada.

Ao leitor, o contexto subjetivo da então garota para mulher transparece o amadurecimento não somente em ter o desejo atendido, apesar das circunstâncias da gestação, mas a atuação de sua família possibilitando a passagem do medo à segurança de criar um bebê sem a necessidade do pai.

Por fim, Kilomba (2019, p. 14) cita “[...] que a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar a perpetuar relações de poder e de violência, por cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade.”. Desse modo, Marguerite denotou não somente uma identidade de mulher Negra, mas de ter uma gravidez remetida ao divino e à pureza, sendo, portanto, uma mulher Negra e mãe.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões e análises da obra *Eu Sei Por Que o Pássaro Canta na Gaiola*, observou-se a possibilidade de que os fatores histórico-culturais, assim como as perspectivas e experiências da narradora, refletem na *subjetividade* da escritora Maya Angelou, baseado em entrevistas divulgadas em imprensa. A herança do colonialismo se fez presente em toda a narrativa, atuando desde sua infância no contexto sulista à juventude na urbanizada Califórnia, reafirmando os papéis de violência em torno do relato da personagem.

²¹ ANGELOU, 2018, p. 238

Nesse processo, procuraram-se compreender as características principais e pontuais dos fatores sociais que influenciaram a análise do *sujeito* de Marguerite na narrativa. O papel da família, a segregação racial juntamente com a padronização de *branquitude* e inferiorização do povo Negro permitiram anseios e sentimentos, especialmente o de não pertencimento, considerando as pontuações acerca do corpo, da mãe da personagem e, em especial, ao divino. Transparece que a visão de Deus, para a narradora, também carrega feições e padronizações *brancas* mesmo aquém da religiosidade.

Também se observou que, com o amadurecimento da personagem entre infância e juventude e as mudanças entre o Arkansas e a Califórnia, indicou o reconhecimento da identidade Negra em si e a vinculação com outros *sujeitos* Negros, permitindo seu posicionamento e reflexões acerca do contexto social no qual estava inserida, assim como às situações da descoberta sexual e gestacional ao fim da obra, considerando a violência sexual sofrida na infância. Tais reflexões denotaram subjetividades na análise do *sujeito* de Marguerite.

A relevância desta pesquisa consiste em estudar e analisar o papel histórico da sociedade norte-americana a partir das experiências de uma mulher Negra, levando em consideração seus anseios, reflexões e críticas para tal contexto. Compreende-se de extrema importância a abrangência da abordagem Afro-americana no campo de estudos da Literatura, especialmente no que tange à historicidade e ao reconhecimento à escrita de *sujeitos* Negros.

Por fim, este trabalho buscou contribuir com os estudos socioculturais no campo da Literatura, especialmente na Literatura Negra Feminina. Cogita-se a possibilidade de continuar a pesquisa, levando em consideração discussões e apontamentos acerca das relações histórico-culturais e sociais presentes na atualidade.

REFERÊNCIAS

10 Questions for Maya Angelou. [S.l.: s.n.], 2013. 1 vídeo (6min). Publicado pelo canal TIME. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bdagJKsKSp8&t>. Acesso em 15 nov. 2020.

ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Tradução de Regiano Winarski. Bauru, SP: Astral Cultural, 2018. 336 p.

_____. **I know why the caged bird sings**. New York: Random House, 1969.

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BRAXTON, J.; ANGELOU, M.. Maya Angelou's I Know Why the Caged Bird Sings: a casebook. New York: Oxford University Press, 1999.

DALCASTAGNÉ, Regina. Vivendo a ilusão biográfica. A personagem e o tempo na narrativa brasileira contemporânea. **Literatura e Sociedade**, [S. l.], v. 10, n. 8, p. 112-125, 2005. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i8p112-125. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19634>. Acesso em 02 set. 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. **Ética, sexualidade, política: Ditos & escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. p. 144-162.

FUÃO, J. J. R. Colonização e racismo nos Estados Unidos da América. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 13, p. 55-66, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23392>. Acesso em: 23 out. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Maya Angelou interview: Civil Rights: Afternoon Plus: 1984. [S.l.: s.n.], 2018. 1 vídeo (24min). Publicado pelo canal ThamesTV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=90VWA-obyWA&t>. Acesso em 15 nov. 2020.

Maya Angelou interview on HARDtalk – BBC News. [S.l.: s.n.], 2014. 1 vídeo (24min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e-Pjs7UyC8I>. Acesso em 15 nov. 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

_____. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 33, p. 109-117, 1990. DOI: 10.11606/2179 0892.ra.1990.111217. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111217>. Acesso em: 8 out. 2020.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, 2003.

AGRADECIMENTOS

Aos Mestres e Mestras por me guiarem nos caminhos tortuosos.

Ao professor e orientador Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha pela orientação deste trabalho e pela longa dedicação ao ensino de Literatura no curso de Letras Inglês da estimada instituição.

À Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira e ao Prof. Me. Valécio Irineu Barros, exemplos de pessoas e profissionais.

Às professoras Ma. Maria das Neves Soares, Dra. Iá Niani Maia, Dra. Marta Furtado Costa (*in memoriam*) e todas as mulheres que passaram por minha formação pela contribuição e conhecimento.

Ao professor Me. Celso José de Lima Júnior pelo acolhimento, compreensão e todas as manhãs calorosas de reflexão acadêmica.

Ao Carlos Arthur da Silva Santos, pelo suporte, companheirismo e longas madrugadas em claro me auxiliando no presente trabalho.

À Josinette Quintero por nunca desistir de mim.

Ao meu pai, saudoso jornalista e professor Joel Carlos (*in memoriam*), ao qual me ensinou a virtude e a honra de apenas “ser”.